

# GOETHE E A TRADUÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA DINÂMICA DA DIFERENÇA

JOÃO AZENHA JUNIOR

Universidade de São Paulo

## Resumo

No período compreendido entre fins do século XVIII e início do XIX desenvolveram-se na Alemanha aquelas que viriam a ser as linhas mestras do pensamento sobre tradução dos séculos XX e XXI. Nesse contexto, o pensamento de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) sobre tradução mantém sua pertinência e atualidade ao se alicerçar, de um lado, na experiência das mediações para a formação do indivíduo – noção atrelada ao conceito de *Bildung* (formação humanista) – e, de outro, na coexistência ativa das literaturas, expressa no conceito de *Weltliteratur* (literatura universal).

## Palavras-chave

Johann Wolfgang von Goethe; teoria da tradução; formação da identidade.

## Abstract

Between the end of the 18<sup>th</sup> and the beginning of the 19<sup>th</sup> century were developed in Germany the bases of many central ideas concerning theoretical aspects of translation still in discussion nowadays. In this context, the contribution of Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) about translation preserves its relevancy and actuality, since it lays its foundations, on the one side, on the experience of mediations, which are vital to the individual's formation (a notion associated to the concept of *Bildung*), and – on the other side – on the active coexistence of literatures, as expressed by the concept of *Weltliteratur*.

## Keywords

Johann Wolfgang von Goethe; translation theory; constitution of identity.

E foi assim que os alemães só se tornaram um povo pelas mãos de Lutero,<sup>1</sup>  
(Goethe)

Para situar o pensamento de Goethe na tradição alemã no que respeita à reflexão sobre tradução, podemos pensar em dois momentos: o primeiro é a tradução para o alemão, a partir do latim, do hebraico e do grego, da *Bíblia*, por Martinho Lutero. Esse evento, que, conforme nos lembra a citação em epígrafe, representa um divisor de águas na história da língua e da literatura alemãs, é considerado fundador da identidade alemã construída na linguagem e por meio dela. O segundo está relacionado ao conceito de progressividade na criação poética e na tradução, tal como mais sistematicamente desenvolvido entre fins do século XVIII e meados do XIX pelos poetas-tradutores e filósofos da linguagem do Romantismo alemão. De Lutero e sua obra até a introdução da noção de dinâmica na constituição do sentido em linguagem e no fazer poético, muitos dos conceitos em discussão até hoje no domínio dos Estudos da Tradução encontram ali suas bases.

Findo o século XVI, a reflexão sobre tradução na Alemanha volta a ganhar visibilidade entre meados do século XVIII e início do XIX. Esse lapso de tempo de mais de um século, que para muitos autores representa certo marasmo no que respeita ao pensamento sobre tradução,<sup>2</sup> só agora começa a ser mais sistematicamente estudado. Tudo indica que as Poéticas do século XVII, do ponto de vista de suas considerações sobre linguagem, literatura e tradução, têm importantes con-

<sup>1</sup> “Und so sind denn die Deutschen erst ein Volk durch Luthern geworden”, Goethe, em carta de 28 de maio de 1819 a A.O. Blumenthal. Citado em Annette Kopetzki, *Beim Wort nehmen. Sprachtheoretische und ästhetische Probleme der literarischen Übersetzung*, Stuttgart, M&P Verlag für Wissenschaft und Forschung, p. 61.

<sup>2</sup> Cf., por exemplo, Friedmar Apel, *Literarische Übersetzung*, Stuttgart, Metzler, 1983; Judith Woodsworth, Judith, “Geschichte des Übersetzens (aus dem Englischen übersetzt von Rolf Geiser)”, in Mary Snell-Hornby, et al. (ed.) *Handbuch Translation*, Tübingen, Stauffenburg, 1998; Stefanie Hohn, “Literaturwissenschaftliche Aspekte. Philologisch-historische Tradition”, in Mary Snell-Hornby, et al. (ed.) *Handbuch Translation*, Tübingen, Stauffenburg, 1998.

tribuições a oferecer para o estabelecimento de um *continuum* que, iniciado com Lutero, estende-se ao Romantismo alemão e justifica, ao menos no plano teórico, uma diferenciação entre uma concepção alemã de tradução centrada em torno à noção de apropriação (*Aneignung*),<sup>3</sup> por oposição à do Classicismo francês das chamadas *Belles infidèles*.<sup>4</sup>

Retomando brevemente essa linha do tempo, Johann Christoph Gottsched (1770-1766) preconiza, sob a égide do racionalismo, uma noção de linguagem condicionada pela universalidade da razão e, por consequência, uma noção de tradução entendida como operação de transcodificação voltada à adequação de um (mesmo) pensamento às peculiaridades formais que caracterizam cada língua nacional.

Deslocando-se do domínio da reflexão filosófica para a prática da tradução, os suíços Johann Jakob Breitinger (1701-1776) e Johann Jakob Bodmer (1698-1783), tradutores de poemas de Milton para o alemão, constatarem assimetrias na tradução de metáforas e outras figuras de linguagem que, para além de peculiaridades meramente formais, apontam para redes associativas estabelecidas diferentemente entre as culturas envolvidas.<sup>5</sup> A partir da experiência de traduzir, portanto, o trabalho dos dois tradutores suíços põe em dúvida a estabilidade de uma noção de linguagem associada à universalidade da razão e ao modo, para eles não coincidente, como cada povo enxerga e interpreta o mundo.

Mas é com Johann Gottfried von Herder (1744-1803) e seu *Abhandlung über den Ursprung der Sprache* (*Ensaio sobre a origem da linguagem*)<sup>6</sup>, de 1770, que as bases para a reversão do paradigma racionalista na linguagem serão lançadas. Na obra de Herder ganha destaque, entre outras reflexões, a noção de diversidade, sincrônica e diacrônica, como característica intrínseca da linguagem. Tal diversidade, flagrada não apenas no uso lingüístico condicionado pelas diferentes situações, mas também e, sobretudo, nas criações poéticas e na tradução, é prova da progressividade dos processos de geração de sentido em linguagem e opõe-se a uma visão mecanicista, segundo a qual um mesmo conteúdo pode ser reproduzido por diferentes formas, sem perder – ou ganhar – matizes de sentido. Com Herder, portanto, instauram-se as noções de movimento e instabilidade em linguagem e a oposição entre dinamismo e estática passa definitivamente a balizar outras

<sup>3</sup> Huyssen desenvolve em profundidade esse tema (cf. A. Huyssen, *Die frühromantische Konzeption von Übersetzung und Aneignung. Studien zur frühromantischen Utopie einer Weltliteratur*, Zürich/Freiburg i.Br., Atlantis-Verlag (Zürcher Beiträge zur dt. Literatur- u. Geistesgeschichte 33), 1969.

<sup>4</sup> Sobre a oposição entre as concepções de tradução na Alemanha e na França desse período, ver, entre outros, Susan Bassnett, *Translation Studies*, London, New York, Routledge, 1992; John Milton, *O poder da tradução*, São Paulo, Ars Poética, 1993; e Radegundis Stolze, *Übersetzungstheorien. Eine Einführung*, Tübingen, Gunter Narr, 1994; *Idem*, "The development of translation studies in Europe", *Pandemonium Germanicum*, São Paulo v. 2, p. 309-28, 1998.

<sup>5</sup> Stefanie Hohn, "Literaturwissenschaftliche Aspekte. Philologisch-historische Tradition", *op. cit.*, p.92.

<sup>6</sup> Johann Gottfried Herder, *Ensaio sobre a origem da linguagem*, trad. José M. Justo, Lisboa, Edições Antígona, 1987.

dicotomias que, nos séculos posteriores, viriam a marcar os Estudos da Linguagem e, dentre eles, os Estudos da Tradução.<sup>7</sup>

A observação da realidade associada à experiência de traduzir atingiria seu ponto mais elevado entre fins do século XVIII e início do XIX, com os trabalhos de poetas-tradutores e filósofos da linguagem como os irmãos Friedrich e August Wilhelm Schlegel, Novalis, Schleiermacher e Wilhelm von Humboldt. Durante esse período, a atividade de traduzir e a reflexão sobre ela ocupam espaço privilegiado nas relações operadas na linguagem e, por meio dela, em setores afins do conhecimento, resume:

a tradução entre os românticos e também em Goethe tem de ser considerada em suas relações múltiplas e multifacetadas com a teoria da linguagem, da história e da arte, com o fazer poético, a crítica e a hermenêutica.<sup>8</sup>

Nesse contexto, a obra diversificada e a influência marcante de Johann Wolfgang von Goethe atravessa vários momentos e movimentos artístico-literários da vida cultural da Alemanha. Com efeito, em 83 anos de vida, o poeta e filósofo produziu prosa, poesia, drama, tratados de Ciências Naturais, extensa correspondência e traduções. Antoine Bermann, em sua obra clássica *L'épreuve de l'étranger*<sup>9</sup> (1984), refere-se assim a Goethe e à sua atividade no campo da tradução:

Sua obra é marcada em relevo pela mesma diversidade rica e vital: ele praticou todos os gêneros poéticos e literários, produziu trabalhos que julgava estritamente científicos, escreveu diários e memórias, dirigiu revistas e jornais [...] as traduções, às quais um volume de suas *Obras completas* é consagrado, lhe pertencem do início ao fim: Benvenuto Cellini, Diderot, Voltaire, Eurípides, Racine, Corneille, assim como numerosas traduções de poemas italianos, ingleses, espanhóis e gregos. [...] elas são testemunhas de uma prática constante (para a qual um conhecimento das línguas desenvolvido desde a tenra infância o predispunha), prática acompanhada por uma massa de reflexões excepcionalmente rica, disseminada em seus artigos, suas resenhas, suas introduções, seus diálogos, seus diários e sua correspondência, e que encontrou suas expressões mais célebres em *Dichtung und Wahrheit. Noten und Abhandlungen zu bessern Verständnis des West-Östlichen* [sic] *Divans e Zu brüderlichen Andenken Wielands*. (grifos do autor)<sup>10</sup>

Os apontamentos mais conhecidos de Goethe sobre a tradução – especialmente seus três modos de traduzir, apresentados adiante – estão em *Noten und Abhandlungen zu bessern Verständnis des west-östlichen Divans*, de 1819. Essas No-

<sup>7</sup> Cf. João Azenha Jr., "Tradução é movimento: uma leitura do Romantismo alemão", *Revista da ANPOLL*, São Paulo, n. 14, p. 31-56, 2003.

<sup>8</sup> Friedmar Apel, *Literarische Übersetzung*, *op. cit.* ["Übersetzung bei den Romantikern und auch bei Goethe [muß] in vielfältigstem Zusammenhang mit der Kunst-, Geschichts- und Sprachtheorie, mit Dichtung, Kritik und Verstehenslehre betrachtet werden"]..

<sup>9</sup> Neste trabalho, utilizo a tradução brasileira da obra de Bermann (cf. Antoine Bermann, *Antoine, A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*, trad. Maria Emília Pereira Chanut, Bauru, Edusc, 2002).

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*, p. 98.

tas, que juntamente com as considerações de Rudolf Pannwitz em *Crise da cultura européia* são avaliadas por Walter Benjamin em seu célebre ensaio *Die Aufgabe des Übersetzers* [A tarefa do tradutor] como “o que de melhor se publicou na Alemanha sobre teoria da tradução”,

constituem, diferentemente de outras contribuições dispersas de Goethe para a teoria da tradução, um conjunto mais coeso, ao mesmo tempo em que, de outra parte, estão intimamente relacionadas com o seu contexto: os motivos tocantes do *Divã Ocidental-Oriental*, a união do Distante e do Próximo, do Estranho e do Próprio, a transformação do Antigo e Estranho em Novo e Próprio determinam também os pensamentos sobre teoria da tradução. (grifos do autor)<sup>11</sup>

À semelhança de Benjamin, cujo ensaio nasce da experiência de traduzir Baudelaire, também em Goethe suas considerações mais importantes e mais bem sistematizadas sobre a tradução nascem da experiência de fazer e de traduzir poesia. A essa experiência soma-se o fato de Goethe ter tido a oportunidade de conhecer e avaliar a tradução de algumas de suas obras – o drama *Hermano e Dorotéia*, por exemplo, traduzido para o latim, o dinamarquês, o inglês e o francês. A vivência de traduzir e de se ver traduzido propiciou-lhe, então, uma visão do processo de tradução que, além de global, também é de natureza mais pragmática.

Neste breve estudo, restrinjo-me às *Notas de Goethe ao Divã*<sup>12</sup> e a algumas manifestações suas contidas nas *Conversações com Goethe*, de Eckermann,<sup>13</sup> na tentativa de resgatar, ao menos em parte, a atualidade do pensamento do poeta sobre a formação da identidade via tradução. Estou convencido de que as considerações de Goethe são úteis hoje para a compreensão de questões, ainda complexas, ligadas ao intercâmbio entre as línguas e as culturas, bem como para o modo como, por intermédio desses encontros, se delinea o embate pela manutenção de traços culturais específicos, ligados à identidade mesma de povos e culturas, no interior de um processo assimétrico de globalização.

<sup>11</sup> Friedmar Apel, *Sprachbewegung. Eine historisch-poetologische Untersuchung zum Problem des Übersetzens*. Heidelberg, Carl Winter Universitätsverlag, 1982, p. 110 [“diese Bemerkungen sind, anders als die anderen verstreuten Beiträge Goethes zur Übersetzungstheorie, stärker in sich geschlossen, gleichzeitig aber mit ihrem Kontext eng verflochten: die bewegenden Motive des west-östlichen Divans, die Vereinigung des Fernen und des Nahen, des Fremden und des Eigenen, die Verwandlung des fremden Alten in ein eigenes Neues bestimmen auch die Gedanken zur Übersetzungstheorie”].

<sup>12</sup> Utilizo aqui a 14ª edição revista das obras de Goethe, ver Erich Trunz (ed.) Erich (ed.) *Goethes Werke*, Hamburger Ausgabe in 14 Bänden, Gedichte und Epen II. Textkritisch durchgesehen und kommentiert von Erich Trunz. Vierzehnte, durchgesehene Auflage, München, Verlag C. H. Beck, 1989. As passagens das *Notas*, para as quais existe uma tradução brasileira (em Werner Heidermann (org.) *Clássicos da teoria da tradução*, Florianópolis, UFSC, 2001, v. 1, alemão-português.- Núcleo de tradução) foram citadas a partir da tradução. As demais passagens, sem tradução consagrada, foram traduzidas por mim.

<sup>13</sup> Para as *Conversações*, utilizo a versão brasileira da obra (Johann Peter Eckermann, *Conversações com Goethe*, trad. Marina Leivas Bastian Pinto, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1950). A versão alemã consultada foi a de Ernst Merian-Genast, (ed.) *Eckermanns Gespräche mit Goethe*. Vollständige Ausgabe in zwei Bänden, Basel, Verlag Birkhäuser, 1945.

## “Idêntico e modificado”

Ao conselheiro de estado Schultz, Goethe escreve aos 8 de julho de 1823:

Trouxeram-me a versão latina de *Hermano e Dorotéia* e o que experimentei foi algo muito especial. Há anos eu não tinha contato com esta obra tão querida e vejo-a agora como que num espelho que, como sabemos por experiência e, mais recentemente, por (*experimentos?*) entópticos – possui a capacidade de irradiar uma força própria e mágica. Nele pude ver, então, numa língua muito mais formada, tudo o que tinha em mente e escrevi, idêntico e modificado, sendo que me saltou aos olhos principalmente o fato de que a versão latina visa ao conceito e que, aquilo que em alemão muitas vezes se encobre inadvertidamente, transforma-se num tipo de sentença lapidar que, mesmo distante do sentimento, é benfazeja ao espírito”. (grifos do autor)<sup>14</sup>

E, nas *Conversações*, o poeta assim se manifesta sobre essa mesma tradução de sua obra:

é quase a única das minhas grandes criações que ainda me dá prazer; não posso lê-la sem nela tomar íntima parte. Aprecio-a, sobretudo, na tradução latina; parece-me assim mais nobre, como se, no que se refere à forma, tivesse tornado à sua origem.<sup>15</sup>

O primeiro aspecto digno de nota na carta de Goethe ao conselheiro de Estado é um paradoxo: a obra que ele tem diante de si é sua e não é; identifica-se com a que ele escreveu, mas é outra. O poeta se reconhece em latim, mas se surpreende com a vida própria da sua obra em outra língua. Somente essa questão – a da “vida própria” da tradução – seria suficiente para atestar a atualidade do pensamento de Goethe. Afinal, contrariamente a avaliações negativas da tradução como obra de segunda mão, que grassam até hoje, o poeta não nega ao texto traduzido sua autonomia. Recolocado no contexto que lhe deu origem, porém, o comentário sublinha o envolvimento do poeta com os conceitos românticos da criação poética, da tradução como meio de apropriação de formas e temas e do traduzir como recurso que assegura a continuidade da vida (*Fortleben*) de uma obra – também presente no citado ensaio de Benjamin – para além do ambiente lingüístico-literário que lhe

<sup>14</sup> Goethe, “Declarações sobre Hermano e Dorotéia”, in Erich Trunz (ed.) *Goethes Werke*. Hamburger Ausgabe in 14 Bänden. Gedichte und Epen II. Textkritisch durchgesehen und kommentiert von Erich Trunz. Vierzehnte, durchgesehene Auflage, München, Verlag C.H.Beck, 1989. p. 737-8.

<sup>15</sup> “An Staatsrat Schultz. Marienbad, 8. Juli 1823. “Man brachte mir die lateinische Übersetzung von ‘Hermann und Dorothea’, es ward mir ganz sonderbar dabei; ich hatte dieses Lieblingsgedicht viele Jahre nicht gesehen, und nun erblickt’ ich es wie im Spiegel, der, wie wir aus Erfahrung und neuerlich aus den entoptischen (Versuchen?) wissen, eine eigne magische Kraft auszuüben die Fähigkeit hat. Hier sah ich nun mein Sinnen und Dichten in einer viel gebildeteren Sprache, identisch und verändert, wobei mir vorzüglich auffiel, daß die römische nach dem Begriff strebt und, was oft im Deutschen sich unschuldig verschleierte, zu einer Art von Sentenz wird, die, wenn sie sich auch vom Gefühl entfernen, dem Geiste doch wohlthut”. Goethe refere-se à seguinte edição bilingüe alemão-latim: *Hermann und Dorothea*. Arminius et Theodora. Ins Lat. Übers. von Benjamin Gottlob Fischer, Stuttg., Metzler, 1822 (225p.).

<sup>16</sup> Johann Peter Eckermann, *Conversações com Goethe*, op. cit., p. 108.

deu origem. É o flagrante dessa possibilidade que surpreende o poeta: ao se ver traduzido, o poeta vê confirmadas suas próprias aspirações.

A referência ao latim atesta, sob um outro ângulo, a idéia de um fluxo que rompe as barreiras do tempo. Na carta, Goethe fala de uma língua “muito mais formada”, certamente referindo-se à longa tradição do latim e também à sua importância como portador, junto ao grego, da voz dos clássicos. Na observação das *Conversações*, o poeta percebe sua obra “mais nobre” em latim, “como se tivesse tornado à sua origem”: a obra que ele tem em mãos parece ter retornado ao passado, ao mesmo tempo que, colocando em evidência aspectos contrastantes entre o latim e o alemão da época, aponta para o futuro da criação: não mais só o alemão (de então), nem só o latim (de outrora), mas algo que, sendo fruto desse encontro, se insere num fluxo contínuo que descortina um potencial (a ser explorado) de realizações.

Esse flagrante desconcertante traz consigo a perspectiva a partir da qual e no interior da qual a tradução se realiza: a versão latina “visa ao conceito”, algo que, em alemão, “inadvertidamente se encobre”. Nessa constatação, podemos identificar um eco das considerações de Wilhelm von Humboldt expressas em *Einleitung zu Aeschylus' Agamemnon metrisch übersetzt von Wilhelm von Humboldt*,<sup>16</sup> de 1816. Nesse texto, von Humboldt fala entre outras coisas do ângulo a partir do qual as culturas vêem e interpretam o mundo e antecipa questões que viriam a ser caras aos estudos lingüísticos dos séculos posteriores: a desmistificação da noção de sinonímia perfeita e a constatação da potencialidade dos sistemas, a partir da qual seria possível exprimir qualquer coisa em qualquer língua, só que pela óptica de quem as exprime. Como as literaturas, também os sistemas lingüísticos estariam, no curso da história, em estágios diferentes de evolução, ficando ao encargo do intercâmbio, mediado pela tradução, a tarefa de estabelecer pontes e de reduzir a defasagem entre eles. Na carta ao conselheiro Schultz, Goethe emprega a metáfora do espelho: a tradução revelaria o que uma língua tem a aprender com a outra no espelho de si mesma.

Embutido nessa constatação está o conceito de apropriação, que se torna central para a atividade dos românticos: é por meio da incorporação do Outro, do Estrangeiro, do Alheio, que o espírito alemão chegaria a algo que é fundamental para si. Sob o lema dessa abertura, não apenas a literatura estaria disposta a intercambiar temas e formas, mas também a língua alemã que, expandindo seu sistema pela adoção de recursos estrangeiros, acabaria por se tornar a língua da tradução por excelência, um depositário dos tesouros produzidos pelo saber e a engenhosidade dos homens. Nas *Conversações*, Goethe observa em 10 de fevereiro de 1825:

vossos jovens compatriotas [os ingleses] procederam bem vindo a nós e também procurando conhecer a língua, não só porque nossa literatura em si o merece, como por ser inegável que quando se compreende bem o alemão, pode-se dispensar vários outros idiomas. Não me refiro

<sup>16</sup> Uma versão brasileira deste texto encontra-se em Werner Heidermann, *Clássicos da teoria da tradução*, op. cit.

ao francês, que considero a língua de sociedade e indispensável, sobretudo em viagem, por ser universalmente conhecida e com a qual cada um se desembaraça sem o auxílio de intérprete. Quanto ao grego, porém, ao latim, ao italiano e ao espanhol, podemos ler as mais belas obras em tão boas traduções para o alemão que sem um desígnio inteiramente especial, não há necessidade de gastar tempo no difícil estudo daqueles idiomas. Está na natureza do alemão honrar à sua maneira o estrangeiro e adaptar-se a particularidades estranhas. Isso e a grande maleabilidade da nossa língua fazem com que as traduções alemãs sejam absolutamente fiéis e completas.<sup>17</sup>

Assim, para Goethe, a apropriação – ensejada pelo intercâmbio e mediada pela tradução – é condição para o aprimoramento da língua e da literatura. Sua importância para a reflexão sobre tradução está contida nos conceitos de *Bildung* (formação humanística) e *Weltliteratur* (literatura universal), já amplamente estudados no domínio dos estudos literários e desenvolvidos sumariamente a seguir a partir do ângulo da tradução.

### De suas portas [de Weimar] partem estradas para o mundo inteiro<sup>18</sup>

A noção de *Bildung*, entendida aqui como formação em sua acepção processual, quer dizer, como caminho rumo ao aprimoramento, resume a trajetória que o Si-mesmo trilha quando parte em busca do Outro para retornar a si mesmo modificado pelo encontro. A idéia desse caminho a percorrer é cara aos românticos – e também a Goethe –, na medida em que contraria a idéia do isolamento infecundo e desloca para a inter-relação o aspecto crucial da formação. Nesse sentido, a experiência surge, ao lado da predisposição ao deslocamento, como aspecto central do processo de aprimoramento: o espaço do contato com o Outro é o espaço da transformação. Ao mesmo tempo, a experiência do encontro também determina e viabiliza a convivência de opostos: o especial e o geral, o particular e o universal, o cotidiano e o maravilhoso; os duplos, enfim, que complementam, num outro eixo, o espaço do aprimoramento.

Decorre daí que, na dimensão do tempo e do espaço, a noção de formação é dinâmica e guarda intrínseca relação com o movimento progressivo da criação poética e com a tradução. Nela, o indivíduo – ou, no plano dos sistemas literários, a literatura – abandona a confortável posição do presente conhecido para reler o passado e, ao retornar ao presente, apontar para o futuro. Tal movimento em busca da experiência do Outro, porém, não pode culminar numa total simbiose com o Estrangeiro. O Outro, o Alheio é meio de aprimoramento para o retorno ao Si-mesmo, entendido esse meio tanto no sentido de instrumento quanto no de elemento em que tal confronto tem lugar. Uma total simbiose significaria o apagamento, a perda da identidade; significaria, portanto, o contrário do que se quer buscar. Assim, os limites de tal empreitada ainda são, na época de Goethe, as formas e temas da Antigüidade Clássica, tanto como *Urbild* (modelo primevo)

<sup>17</sup> Johann Peter Eckermann, *Conversações com Goethe*, op. cit., p. 103.

<sup>18</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 22.

quanto como *Vorbild* (modelo a ser seguido). E as traduções de obras clássicas – como a da *Odisséia*, feita por Voß em 1781 –, ao possibilitarem a apropriação de temas e formas, marcariam estágios na busca pelo grau de cultura e aprimoramento da Antiguidade grega e romana.

No bojo desses intercâmbios surgidos no interior de uma visão motivada por trocas interculturais e internacionais e acompanhando um ideal clássico da unidade original, de um lado, e do reconhecimento da diversidade da manifestação, de outro, está igualmente o caminho para a constituição de uma literatura universal. E a tradução, como nos lembra Bermann,

é o ato *sui generis* que encarna, ilustra e também permite esses intercâmbios, sem ter, bem entendido, o monopólio deles. Existe uma multiplicidade de atos de translação que asseguram a plenitude das interações vitais e naturais entre os indivíduos, os povos e as nações, interações pelas quais estes constroem sua identidade própria e suas relações com o estrangeiro. (grifos do autor)<sup>19</sup>

A base desse conceito que “assegura a plenitude das interações vitais e naturais entre os indivíduos”, contrariamente ao isolamento e à infecunda reclusão em si, é a natureza. Cada aspecto do mundo manifestado, em constante interação entre si por ação da natureza, revela a totalidade da unidade: “Cada estado, cada momento mesmo, tem infinito valor, pois representa toda a Eternidade”.<sup>20</sup>

Assim, o intercâmbio que se opera no presente flagra também o embate atemporal entre o geral e o específico, entre aquilo que é condicionado pelas contingências do mundo e o que é universalmente válido. E como desse embate decorre o aprimoramento, o resultado de cada interação, concretizado na criação poética e na tradução, revela também uma etapa dessa evolução. Transportado para as relações entre os sistemas literários, aplicam-se para a constituição do conceito de literatura universal *mutatis mutandis* as mesmas considerações que servem de base à *Bildung*: a experiência da interação é vital para o aprimoramento; a experiência do encontro modifica;<sup>21</sup> na multiplicidade das manifestações literárias revela-se a unidade; e o eixo dessa interação é o presente, a contemporaneidade: “A aparição da literatura mundial<sup>22</sup> não significa o fim das literaturas nacionais: é a sua entrada em um espaço-tempo, no qual elas agem umas sobre as outras e procuram esclarecer mutuamente suas imagens”.<sup>23</sup>

<sup>19</sup> Antoine Bermann, *A prova do estrangeiro*, op. cit., p. 99.

<sup>20</sup> Johann Peter Eckermann, *Conversações com Goethe*, op. cit., p. 39.

<sup>21</sup> Bermann emprega para essa modificação a noção de “mestiçagem” (cf. Antoine Bermann, *L'épreuve de l'étranger. Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Paris, Gallimard. 1984; *Idem, A prova do estrangeiro...*, op. cit., 2002).

<sup>22</sup> Diferentemente de “literatura universal”, termo mais comumente empregado para a tradução de *Weltliteratur*, a versão brasileira da obra de Bermann adota o atributo “mundial”.

<sup>23</sup> Antoine Bermann, *A prova do estrangeiro*, op. cit., p. 102-1.

É só nesse sentido que o conceito preserva um traço de historicidade, pois ele flagra o estado atual da relação entre as diversas literaturas. Trata-se, pois, de um intercâmbio contínuo, que em nada remete à noção de estática; ao contrário: o mesmo dinamismo que anima as discussões sobre a constituição de sentido em linguagem, que transforma o fazer poético em movimento progressivo, marca também a coexistência das literaturas. Decorre daí, também naturalmente, o fato de o intercâmbio propor a literaturas em convívio o desafio de se reverem a si mesmas e à sua relação com a outra. E ainda que da mestiçagem do encontro, como na *Bildung*, não resulte (e não deva resultar) o apagamento das diferenças, são essas que ganham relevo na convivência e, mais que as semelhanças, constituem a base das trocas.

Insera-se aqui, portanto, o papel fundamental desempenhado pela tradução: o flagrante da diferença pode evoluir para uma convivência, a princípio incômoda, entre o que é conhecido e o que não é, ou então pode regredir – aos olhos dos românticos alemães e também de Goethe – para o apagamento das diferenças, para a redução do desconhecido ao conhecido, do alheio ao próprio, revertendo o processo de aprimoramento à estagnação e ao isolamento. Esse processo de trocas entre as literaturas, operado na linguagem por meio da tradução, está contemplado no pensamento de Goethe por um modelo triádico, cujos modos permitiriam aferir o estágio em que se encontra a relação entre as literaturas. À semelhança do caráter natural das trocas realizadas no mundo manifestado, por assim dizer, o movimento descrito pelos modos de traduzir apresentados nas *Notas ao divã ocidental-oriental* “pertence, na verdade, não à esfera da história, mas à da natureza; suas leis não se determinam a partir das contingências históricas, mas são algo naturalmente dado, apriorístico e que sempre retorna”.<sup>24</sup>

### Prosa, paródia e identificação

O primeiro modo de traduzir apresentado por Goethe nas *Notas ao divã*, e por ele chamado de “prosaico”, volta-se primordialmente à excelência do estranhamento provocado pelo conteúdo:<sup>25</sup>

A primeira [espécie<sup>26</sup> de tradução] nos apresenta o estrangeiro à nossa maneira; uma tradução singela em prosa é a melhor para este caso. Pois, ao suprimir inteiramente as características de qualquer arte poética e até mesmo reduzindo o entusiasmo poético a um nível consensual, a prosa se presta perfeitamente para a iniciação, porquanto ela nos surpreende com a excelência desconhecida em meio à familiaridade da nossa pátria, de nossa vida co-

<sup>24</sup> Friedmar Apel, *Sprachbewegung. Eine historisch-poetologische Untersuchung zum Problem des Übersetzens*, op. cit., p. 113 [“*die Bewegung* gehört eigentlich nicht zur Sphäre der Geschichte, sondern zu der der Natur, ihre Gesetze bestimmen sich nicht aus der Geschichtlichkeit, sondern sind als Apriorisches und als Wiederkehrendes naturhaft vorgegeben”].

<sup>25</sup> Para as citações de Goethe sobre os modos de traduzir, utilizo aqui a tradução de Rosvitha Friesen Blume. in Werner Heidermann, *Clássicos da teoria da tradução*, op. cit., p.16-23.

<sup>26</sup> Opção adotada pela versão brasileira.

num, sem que saibamos o que nos sucede, conferindo-nos uma disposição superior, edificando-nos verdadeiramente.<sup>27</sup>

Se a ênfase desse modo de traduzir recai sobre o estranhamento provocado pelo conteúdo e sendo “a tradução singela em prosa a melhor para este caso”, o resultado disso é a transformação da obra poética numa tradução não-poética.<sup>28</sup> Embora isso pareça contrariar a disposição pela incorporação (imediate) do que é estranho, é preciso lembrar que os modos de traduzir são etapas que marcam a relação contemporânea entre duas literaturas. Ao que tudo indica, Goethe não prevê uma incorporação processada de forma abrupta, mas entende que, num primeiro momento, é preciso que se lancem os alicerces de uma relação a se intensificar posteriormente. Em resumo: a difícil e almejada simbiose de forma e conteúdo não é a meta desse primeiro estágio na relação entre literaturas distantes. Trata-se aqui tão-somente do estabelecimento das primeiras condições de recepção e de aceitação, pelo Próprio, do que lhe é estranho e desconhecido.<sup>29</sup>

O segundo modo, por Goethe chamado de “parodístico”, acrescenta ao prosaico a dimensão do jogo de significância<sup>30</sup> engendrado pela relação forma-conteúdo: “Uma segunda época se segue a esta, na qual se procura a transposição para as condições do estrangeiro mas, na verdade, apenas para se apropriar do sentido desconhecido e constituir-lo com sentido próprio”.<sup>31</sup>

Quer dizer, a tradução parodística tem por base a relação entre conteúdo e forma do texto de partida, mas não se propõe o compromisso de, nessa etapa, reproduzir o sentido expresso por essa relação, tal como ela se figura no original. Em outras palavras: a tradução parodística imita o modo como o autor do original constrói uma metáfora, por exemplo, e dessa imitação resulta uma metáfora identificável e assimilável pelo leitor da tradução. Nessa etapa de sua recepção, a obra traduzida está um passo além em relação à etapa anterior, no sentido de que acrescenta às condições de recepção já criadas pela tradução prosaica a preocupação com a forma, com a recuperação das peculiaridades lingüísticas e estilísticas que caracterizam a criação poética. Representa, enfim, uma etapa mais avançada na relação entre as duas literaturas. Laranjeira<sup>32</sup> fala, nesse sentido, de um poema “homólogo” ao poema original. Nele, o tradutor imita o jogo da significância do

<sup>27</sup> Goethe in Werner Heidermann, *Clássicos da teoria da tradução*, op. cit., p. 19.

<sup>28</sup> Sobre um modo de traduzir que transforma poesia em não-poesia, ver Mário Laranjeira, *Poética da tradução: do sentido à significância*, São Paulo, Edusp, 1993 (Criação e Crítica, v. 12).

<sup>29</sup> Cruz, estudando a recepção de Kafka no Brasil através das traduções de *A metamorfose*, consegue identificar esse momento descrito por Goethe (cf. Celso Donizete Cruz, *Metamorfoses de Kafka: imagens do autor e da obra no paratexto de edições brasileiras de A metamorfose*, São Paulo, 2005, Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

<sup>30</sup> Conceito desenvolvido em Mário Laranjeira, *Poética da tradução*, op. cit.

<sup>31</sup> Goethe in Werner Heidermann, *Clássicos da teoria da tradução*, op. cit., p. 21.

<sup>32</sup> Mário Laranjeira, *Poética da tradução*, op. cit.

poema original, buscando recriar o maior número possível de relações homólogas do original.

O terceiro modo, chamado de “o mais elevado”, é aquele, no qual “se procura tornar a tradução idêntica ao original, não de modo que um deva vigorar ao invés do outro, mas no lugar do outro.”<sup>33</sup> Nesse caso, o atributo “idêntico” há de ser entendido como decorrência das considerações tecidas para os modos precedentes: o sentido gerado, no texto poético, pela relação forma-conteúdo é recriado com os meios lingüísticos e estilísticos – não necessariamente conhecidos – da língua e da cultura para a qual se traduz. Esse modo de traduzir, que representaria o ápice de um processo contínuo e ininterrupto de aprimoramento, tem na forma a sua preocupação maior e autoriza o tradutor, com base nas condições de recepção já criadas pelas etapas anteriores, a ousar e a inovar, independentemente do compromisso de resgatar, na tradução, usos consagrados na comunidade lingüística para a qual traduz. Um tal exercício seria o responsável, então, pela redução da defasagem entre sistemas lingüísticos e literários, flagrando no resultado aquilo que um sistema lingüístico e literário tem a aprender com o outro.

Não se trata, é claro, de uma posição confortável nem para o tradutor, que arrisca alto ao oferecer aos leitores uma tradução por vezes distante do que seria corrente e assimilável, nem para os leitores, de quem se pressupõe uma predisposição incomum para a aceitação de algo que lhes foge à compreensão imediata. Conforme o próprio Goethe admite em seus apontamentos, esse modo de traduzir “sofre, inicialmente, a maior resistência. Pois o tradutor que se une firmemente ao seu original, abandona, de uma forma ou de outra, a originalidade de sua nação e, assim, surge um terceiro [elemento] para o qual o gosto da multidão ainda deve se formar”.<sup>34</sup>

A resistência a que se refere Goethe é, ao mesmo tempo, compreensível e inevitável. Se, por um lado, ela insere os agentes da relação mediada pela tradução no espaço desconfortável da diferença – fazendo surgir, por exemplo, um texto que não é nem alemão nem grego –, por outro, essa é a única forma de essas trocas resultarem numa evolução capaz de aparar as arestas da diferença. E se o gosto do homem comum ainda precisa ser educado, o risco de se contrariar esse gosto, quer dizer, de se expor à crítica, é o preço que se tem a pagar. O caminho para se passar ao largo de tal risco pressuporia a redução de tudo o que é estranho e desconhecido ao que é familiar e conhecido. Implicaria, enfim – para usarmos uma expressão do teórico americano Lawrence Venuti<sup>35</sup> –, pasteurizar e domesticar o texto naquelas passagens em que ele se revela indócil e resistente. E isso, para Goethe e os românticos, significa estagnação, já que só na dinâmica da diferença (e nos riscos e desconfortos que isso implica) é que a identidade efetivamente se constrói.

<sup>33</sup> Goethe in Werner Heidermann, *Clássicos da teoria da tradução*, op. cit., p. 21.

<sup>34</sup> *Idem, ibidem*, p. 21.

<sup>35</sup> Ver, por exemplo, Lawrence Venuti, *The translator's invisibility: A history of translation*, London, New York, Routledge, 1995; *Idem, The scandals of translation. Toward an ethics of difference*. London, New York, Routledge, 1998.

Assim, os três modos de traduzir descritos por Goethe podem ser considerados, na relação gradual entre si, modos que evoluem “da dominância do conteúdo para a dominância da forma”.<sup>36</sup> Ao mesmo tempo, na relação com seu entorno, eles podem ser associados a épocas ou a intervalos de tempo, “que documentam um estágio determinado da evolução histórica da literatura, mas que, tomados isoladamente, documentam também o desdobramento histórico da compreensão que se tem de um original”.<sup>37</sup>

Além disso, a dinamização da experiência estética proposta pelos três modos de traduzir é cíclica: como para os românticos, também para Goethe a tradução é um processo totalizador, que restitui a unidade primordial do Estranho e do Próprio, do conhecido e do desconhecido:

uma tradução que visa a se identificar com o original aproxima-se, em última análise, da versão interlinear e facilita em ampla medida a compreensão do original; através dela somos conduzidos e, por que não dizer, impelidos rumo ao texto-base e é assim que, ao final, fecha-se todo o círculo, no interior do qual se dá a aproximação do Estranho e do Próprio, do Conhecido e do Desconhecido.<sup>38</sup>

### Goethe, atual: “Aferre-se ao presente!”<sup>39</sup>

Vários aspectos mencionados ao longo destas breves reflexões colocam a contribuição de Goethe para a tradução na linha de frente de pesquisas realizadas atualmente na área dos Estudos da Tradução. Referimo-nos aqui, particularmente, àqueles aspectos que dizem respeito às relações que se podem estabelecer entre o original e a tradução – preconizados pelo poeta nos seus modos de traduzir – e a maneira como, por meio da tradução, os sistemas lingüísticos e literários interagem entre si na constituição e na revisão de sua identidade.

Cumprir lembrar que as reflexões de Goethe são feitas a partir da perspectiva do poeta que faz e traduz poesia. Dessa forma, elas não podem ser estendidas para todos os domínios da tradução, sem os devidos ajustes que tal generalização demandaria. Não estão presentes na reflexão do poeta, por exemplo, o papel que estruturas de poder disseminadas entre os agentes envolvidos na tradução têm no processo de pagamento ou de realce de traços culturais específicos, em razão de interesses determinados. Penso aqui, por exemplo, em editoras e veículos de co-

<sup>36</sup> Friedmar Apel, Sprachbewegung, Eine historisch-poetologische Untersuchung zum Problem des Übersetzens, op. cit.

<sup>37</sup> *Idem, ibidem*, p.111 [“[Epochen oder Zeiträumen]..., die jeweils einen bestimmten Stand der geschichtlichen Entwicklung der Literatur, im Einzelnen aber die historische Entfaltung des Verständnisses eines Originals dokumentieren.”].

<sup>38</sup> Goethe in Erich Trunz, *Goethes Werke*, op. cit., p. 258.

“Eine Übersetzung, die sich mit dem Original zu identifizieren strebt, nähert sich zuletzt der Interlineaversion und erleichtert höchlich das Verständnis des Originals, hierdurch werden wir an den Grundtext hingeführt, ja getrieben, und so ist denn zuletzt der ganze Zirkel abgeschlossen, in welchem sich die Annäherung des Fremden und Einheimischen, des Bekannten und Unbekannten bewegt.”

<sup>39</sup> Johann Peter Eckermann, *Conversações com Goethe*, op. cit., p. 39.

municação que, como sabemos, são co-responsáveis pela construção das imagens que uma cultura tem da outra. Contudo, o aspecto ideal da reflexão do poeta não se enfraqueceu ao longo do tempo: a matriz de seu pensamento é a poesia, um universo de caráter experimental por excelência, em que a ousadia está mais imune às relações de poder que envolvem outras tipologias de textos e cujo público leitor, mais diferenciado, está aberto a inovações e é mais condescendente para com soluções que dificilmente seriam aceitas sem contestação em outros setores da atividade de traduzir.

Uma das decorrências mais importantes, a meu ver, da contribuição de Goethe está no destaque atribuído ao caráter processual da tradução, entendido aqui não no sentido de processo cognitivo, mas de atividade em constante transformação.<sup>40</sup> Tal caráter deriva não apenas do fato de o resultado da tradução estar associado às potencialidades dos sistemas lingüísticos e literários em contato, mas também por ser ele revelador da compreensão que se tem, num determinado momento, de um original. Isso explica a necessidade que se tem, de tempos em tempos, de se realizarem diferentes traduções de uma mesma obra.

A primeira consequência natural desse constante transformar da tradução é o reconhecimento de que condicionantes tais como o ponto de evolução de uma língua nacional e de sua literatura, a relação entre elas e a língua e a literatura das quais se traduz, co-determinam o espaço e o alcance das traduções. A segunda, decorrente da primeira, é o fato de o conceito de uma “boa” tradução não ser absoluto, já que ele “depende do estágio que foi alcançado na relação entre a literatura de partida e a literatura de chegada”.<sup>41</sup> A terceira subordina o resultado da tradução aos propósitos que lhe servem de bússola: nem toda tradução é feita para servir ao propósito de enriquecer um sistema lingüístico e literário. Nas *Conversações*, lemos nos registros do dia 18 de maio de 1824 uma passagem que restitui ao traduzir esse descompromisso e sublinha seu caráter lúdico e de entretenimento:

À noite com Riemer em casa de Goethe. Este divertiu-nos com uma poesia inglesa cujo assunto é a geologia, e da qual, à maneira de narrativa, improvisou uma tradução com tanto espírito, tanta imaginação e bom humor, que a nossos olhos surgiam vivas todas as particularidades como se fora produção original sua. Estava o herói do poema, o rei Carvão, no suntuoso trono ao lado de sua esposa Pírita, dando audiência a seus vassallos que iam entrando e sendo apresentados em ordem, segundo a sua categoria no reino mineral: o duque Granito, o marquês Xisto, a condessa Porfíria, e assim os mais, todos definidos por jocosos atributos. Chegou depois o vetusto Sir Lourenço Cálcio, possuidor de vastos territórios e muito bem visto na Corte. Explicou a ausência de sua mãe, Lady Mármore, senhora de brilhante cultura e extremamente polida, por residir muito afastada e por se ter comprometido com Canova, o qual muito a lisonjeava. Tufo Calcário, outro grande do reino, com a cabeça ornada de lagartos e peixes, parecia um tanto embriagado. João da Greda e Jacó Argila, só apareceram pelo fim; este, favorito da rainha, por ter-lhe prometido uma coleção de conchas marinhas. E assim prolongou-se alegremente a história com umas quantas minúcias que me foi impossível reter.<sup>42</sup>

<sup>40</sup> Na tradição alemã, esse é um tema recorrente desde as considerações de Lutero sobre a tradução.

<sup>41</sup> Andre Lefevere, *Translating literature: the German tradition from Luther to Rosenzweig*, Amsterdam, Assen, 1977, p. 35.

<sup>42</sup> Johann Peter Eckermann, *Conversações com Goethe*, op. cit., p. 89.



E, em outra passagem, Goethe afirma:

Se eu fosse ainda diretor do teatro [...] levaria à cena o “Doge de Veneza”, de Byron. A peça é, na verdade, demasiado longa e necessitaria ser encurtada. Contudo, não seria preciso suprimir coisa alguma, procedendo do seguinte modo: inteirar-se da substância de cada cena e depois reproduzi-la com maior concisão. Ficaria assim o drama mais curto, sem sofrer alterações, lucrando no seu efeito, sem prejuízo de suas belezas.<sup>43</sup>

Essa disposição para ousar, improvisar, reescrever e editar cenas resgata para a pessoa do tradutor a função de administrador de um processo complexo. Nesse sentido, é interessante observar que Goethe não se refere expressamente ao papel e ao grau de interferência do tradutor no processo de tradução. Como o poeta não detalha o perfil do tradutor, nem menciona as prerrogativas e premissas que, a seu ver, devem fazer parte desse perfil, a impressão que se tem é a de que se trata de uma projeção: o tradutor pressuposto é um poeta que traduz poesia. No entanto, a perspectiva do indivíduo, a definir o ponto de vista expresso na criação poética e, por extensão, na tradução, aparece expressa em outras passagens, dentre as quais a seguinte, datada de 20 de abril de 1825. Nela, Goethe fala da impossibilidade de um outro poeta dar continuidade a uma obra sua:

Considero sem dúvida mais exequível terminar a Catedral de Colônia do que continuar o “Fausto” no espírito de Goethe. Porque uma obra arquitetônica poderia em última análise ser matematicamente resolvida, pois que em realidade se ergue ante nossos olhos e constitui algo de palpável. Com que medida pretender-se-ia então atingir a uma obra intelectual e invisível que em tudo e por tudo se baseia no subjetivo e em que tudo depende do “aperçu”?<sup>44</sup>

No esteio das contribuições dos românticos, a reflexão de Goethe sublinha ainda a ancoragem dos textos, quer dizer, seu comprometimento com um tempo, um espaço e uma forma de se ler e de se interpretar o mundo. A partir disso, cai por terra a possibilidade, ainda hoje amplamente preconizada, da reprodução de um mesmo sentido, construído a partir de uma mesma perspectiva: o texto traduzido tem âncoras no presente, sim, mas ao retroceder no tempo em busca de sua origem e, “mestiçado” por esse encontro, encerra uma gama de realizações que apontam, prospectivamente, para a evolução do sistema lingüístico e literário que o acolhe. Nesse sentido, ele é reflexo de uma etapa no fluxo contínuo das relações engendradas pelas literaturas na constituição de sua identidade. Em 11 de junho de 1825, Goethe comenta: “A época atual da literatura francesa [...] não pode de modo algum ser julgada. A penetração espiritual do alemão provoca nela uma acentuada fermentação, e só decorridas duas décadas se poderá testemunhar o resultado”.<sup>45</sup>

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*, p. 11.

<sup>44</sup> *Idem, ibidem*, p. 129.

<sup>45</sup> *Idem, ibidem*, p. 147.

Essas etapas que marcam as relações entre as literaturas, seja no que respeita ao intercâmbio de formas e temas seja – como nos lembra Bermann<sup>46</sup> – na busca pelo “esclarecimento de suas imagens”, estão intimamente associadas às etapas de evolução de uma língua nacional e aos recursos lingüísticos e estilísticos que, permitindo (ou não) a aproximação formal, condicionam a aproximação. Como vimos, Goethe acredita num processo de assimilação paulatino, em que o desconforto e a tensão gerados pela convivência do Próprio de do Alheio tendem a se resolver ao longo do tempo sobre bases diferentes. Assim, em cada etapa desse processo, a relação de cada língua e de cada literatura, para consigo mesma e para com a Outra, se estabelece num patamar diferente.

Para Goethe, enfim, o papel representado pela tradução na formação da identidade é central: à semelhança do processo de aprimoramento do homem, que se dá pela experiência da mediação, também o aprimoramento dos sistemas literários e das línguas nacionais se dá pela assimilação e pela apropriação graduais de formas lingüísticas e temas literários alheios. E é assim que, para o poeta, a constituição da identidade na tradução não se esgota, mas se define e se redefine na dinâmica de um intenso intercâmbio formal, conceitual e temático entre línguas e literaturas em constante transformação.

<sup>46</sup> Antoine Bermann, *L'épreuve de l'étranger*, op. cit.; *Idem*, *A prova do estrangeiro*, op. cit.